

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD

Andressa Amaral da Silva

**CONTOS QUE CONTAM: um olhar educacional sobre contos
populares brasileiros**

Rio de Janeiro
2019



Andressa Amaral da Silva

**CONTOS QUE CONTAM: um olhar educacional sobre contos populares
brasileiros**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Alessandra Oliveira da Silva Caetano

Rio de Janeiro
2019

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S586 Silva, Andressa Amaral da
Contos que contam: um olhar educacional sobre contos populares
brasileiros / Andressa Amaral da Silva. Rio de Janeiro, 2019.
59 f.

Monografia (Especialização em Ensino de Artes Visuais) – Colégio
Pedro II. Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.
Orientador: Alessandra Oliveira da Silva Caetano .

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Arte na educação. 3. Ilustração
de livros. 4. Livros ilustrados para crianças. I. Caetano, Alessandra
Oliveira da Silva. II. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Andressa Amaral da Silva

**CONTOS QUE CONTAM: um olhar educacional sobre contos populares
brasileiros**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Especialização em Ensino de Artes Visuais - EAD, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Alessandra Oliveira da Silva Caetano (Orientadora)
Colégio Pedro II

Prof.^a Me. Valquíria Cordeiro Fernandes
Colégio Pedro II

Prof. Me. Leandro de Souza Silva
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro
2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por sempre me incentivarem a seguir estudando, e agradeço ao meu companheiro, amigo e professor Igor Dias por toda ajuda e dedicação.

RESUMO

SILVA, Andressa Amaral da. **CONTOS QUE CONTAM: um olhar educacional sobre contos populares brasileiros**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Educação Artes Visuais - EAD, Rio de Janeiro, 2019.

Este trabalho de conclusão de curso busca apresentar a relevância da utilização do livro ilustrado nas aulas de Artes Visuais para crianças em fase de alfabetização. Propõe-se, então, uma reflexão sobre esse tema através da compreensão da possibilidade da leitura de imagem precedendo a leitura textual. Entende-se as diversas formas de leitura de um livro ilustrado, justificando a sua importância no processo de aquisição de saberes próprios das Artes e também na compreensão da cultura brasileira. A partir disso, é apresentado como proposta de produto educacional o livro “Contos de Ibeře”. O livro é uma coletânea de seis contos populares brasileiros ilustrados pela autora e que tem como objetivo trabalhar de maneira imagética e lúdica, considerando como principais formadoras de uma cultura nacional as culturas indígena, africana e europeia. Com estes contos procurou-se abordar questões relacionadas a preconceito sociocultural. Pretende-se ainda disponibilizar uma sequência didática de apoio ao professor, que possa servir de referência para desenvolver aulas utilizando o livro “Contos de Ibeře” como objeto educacional, e que será disponibilizada gratuitamente on-line.

Palavras-chave: Livro ilustrado. Ilustração. Artes visuais.

ABSTRACT

SILVA, Andressa Amaral da. **CONTOS QUE CONTAM: um olhar educacional sobre contos populares brasileiros**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura. Programa de Especialização em Educação Artes Visuais - EAD, Rio de Janeiro, 2019.

This monography seeks to present the importance of the use of illustrated books in visual arts classes for children in the literacy phase. It is proposed a reflection on this theme then, through the understanding of the possibility of reading the image preceding the textual reading. It is understood the different ways of reading an illustrated book, justifying its importance in the process of acquiring knowledge of the Arts and in the understanding of Brazilian culture. From this, it is presented like proposal of educational product the book "Tales of Ibeṛe". The book is a collection of six popular Brazilian short stories illustrated by the author and whose objective is to work in an imaginative and playful way, considering as the main formators of a national culture the Indigenous, African and European cultures. With these stories we tried to address issues related to socio-cultural prejudice. It is also intended to provide a didactic sequence of support to the teacher, which can serve as a reference to develop classes using the book "Contos de Ibeṛe" as an educational object, and which will be available free online.

Keywords: Illustrated book. Illustration. Visual Arts.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 JUSTIFICATIVA	12
3 OBJETIVOS	13
3.1 Objetivo geral	13
3.2 Objetivos específicos	13
4 O QUE É O LIVRO ILUSTRADO?	14
4.1 O livro ilustrado e o universo infantil	15
4.2 Como os livros ilustrados são utilizados pelo educador	16
4.3 O livro ilustrado e suas possibilidades na aula de artes	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
APÊNDICE A - CONTOS DE IBÊRE	30

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta como tema a utilização do livro ilustrado nos primeiros anos de alfabetização infantil, considerando-se a importância do livro ilustrado no processo de aprendizagem da criança. Busca-se afirmar a necessidade de desenvolver a prática da leitura de imagens com crianças na faixa etária dos seis aos nove anos de idade, possibilitando assim, a formação crítica, observadora e atenta do indivíduo. Além disso, o livro ilustrado atua diretamente no desenvolvimento cognitivo da criança. Mesmo antes das palavras, as imagens já expressam ideias e conceitos, ainda que o pequeno leitor não saiba ler os símbolos gráficos. Através das imagens do livro a criança compreende significados, relaciona objetos imagéticos a objetos reais, desenvolve a capacidade de entender simplificações de formas (como por exemplo, a capacidade de associar a imagem de um desenho ao animal real). Neste sentido de identificação entre criança e livro, este trabalho busca apresentar um produto educacional (livro ilustrado) que apresentará contos populares que tratam de questões relacionadas a conhecimento cultural e identidade, e ainda de questões relacionadas a preconceitos socioculturais.

O produto educacional será um livro ilustrado intitulado Contos de Iberê. Em Iorubá¹ Iberê significa origem, sendo assim, o título relaciona-se ao livro, trazendo como título Contos de Origem, por trazer contos de povos entendidos como os primeiros a dar origem ao povo brasileiro. Esta característica de origem será evidenciada no livro através da divisão dos contos. Cada conto será dividido de acordo com sua origem, sendo assim, o livro será dividido em três partes, sendo a primeira parte dedicada aos contos indígenas (A Lenda do Guaraná e Mani, a Lenda da Mandioca), a segunda parte aos contos africanos (Oxumaré Desenha Arco-Íris no Céu para Estancar a Chuva) e a terceira parte aos contos europeus (A Roupas Nova do rei e O Rei Midas). Sendo assim, o livro apresentará três partes distintas, cada uma com dois contos, que apresentam questões como preconceitos socioculturais relacionados a etnia, classe social e gênero.

O objetivo buscar apresentar contos oriundos de diferentes lugares e etnias diz respeito à necessidade de evidenciarmos e contextualizarmos historicamente as origens da nação brasileira; sem, contudo, precisar explicar de maneira didática e linear a influência dessas culturas na origem do Brasil.

¹Existe uma diferenciação na grafia da palavra e seu significado, contudo, para Iberê encontram-se como sinônimos as palavras origem, início e princípio.

Espera-se apresentar imagens que possam ser lidas e reinterpretadas pelo receptor, fazendo com que haja a possibilidade do mesmo se reconhecer nas personagens. Vale ressaltar a necessidade de se desenvolver um trabalho artístico que contemple através da imagem as diferentes etnias e culturas que serão trabalhadas, sem, contudo, cair na armadilha da representação estereotipada de pessoas e lugares.

É nesta questão que se faz necessário compreender a relevância do significado de cultura visual, uma vez que a criança estabelece relação com o mundo a partir das próprias experiências vividas, ou seja, buscar trabalhar imagens que agucem a criatividade e a curiosidade sem, contudo, induzir a criança a normalizar e repetir padrões visuais preconceituosos e limitados. Levar o leitor a repensar seus conceitos, através da observação ativa do mundo que o circunda, é também função da ilustração infantil.

De acordo com Amarilha (1997), atualmente existem muitas histórias infantis que tem por base a cultura europeia, ainda que não apresentada de maneira direta, mas de forma velada, com uso de personagens caracterizados como princesas brancas e loiras, de olhos azuis, príncipes brancos, animais pouco comuns na fauna brasileira, como rena, urso pardo, lontra, pato selvagem, entre outros. Os ambientes apresentados têm características muito marcantes de vilarejos medievais ou florestas de coníferas (comuns do clima temperado), ou com desertos de areia que em nada se assemelham ao deserto brasileiro como Jalapão.

Considerando os estudos da *Gestalt*² sobre a percepção visual, podemos compreender como o ser humano é um ser naturalmente visual, e apreende seu mundo desde muito cedo através da visão. Além deste fator natural, existe o mundo externo ao indivíduo que traz estímulos visuais constantemente, facilitando o processo de apreensão de imagens e símbolos, antes mesmo da apropriação formal da língua escrita. De acordo com Sardelich (2006), há um interesse recente em pesquisa por parte de pedagogos, historiadores e sociólogos sobre percepção visual, no sentido de uma alfabetização visual. Esta alfabetização, ainda de acordo com a autora, pode ser compreendida como leitura de imagens e cultura visual.

Ao relacionar estes dois conceitos, Sardelich (2006) aponta que a leitura de imagens tem relação direta com a percepção visual e é compreendida a partir da experiência vivida que transforma a informação recebida pelo observador e que desta maneira, para realizar sua leitura é necessário conhecer códigos visuais que estão inseridos em uma imagem. Em relação ao conceito de cultura visual, a autora aponta que o processo físico de ver imagem é

² A Psicologia da Gestalt estuda as sensações de espaço, forma e tempo. As bases dessa teoria foram estruturadas por Max Wertheimer, Wolfgang Köhler e Kurt Koffka.

inerente ao ser humano, porém a compreensão sobre o que é observado depende diretamente da experiência de vida do indivíduo.

Para este trabalho, buscou-se compreender a relevância dos dois conceitos e a maneira pela qual se poderia desenvolver um livro ilustrado, afim de possibilitar o desenvolvimento de aulas, principalmente de artes, com enfoque na alfabetização visual. O produto educacional proposto contará com uma proposta de sequência didática e tem como enfoque a leitura de imagem sem, contudo, desconsiderar a cultura visual da criança. Sendo assim, buscou-se desenvolver um trabalho que pudesse integrar ambos conceitos, utilizando contos populares brasileiros para trabalhar a questão de cultura e identidade.

Uma vez que o produto educacional é um livro ilustrado de contos, é preciso compreender a relevância desta forma de narrativa, principalmente para o universo infantil. Antes da codificação da língua falada para a língua escrita, o homem passava seus conhecimentos pela oralidade. Essa tradição oral se faz presente em todas as sociedades humanas. Dentro desta tradição oral temos os contos, que por meio da identificação com os atos dos personagens em torno de quem as narrativas se organizam, os ouvintes aderem afetiva, moral, e intelectualmente às mesmas. De acordo com Marly Amarilha (2003), os contos são relatos simbólicos de situações cruciais, eles são representações arquetípicas humanas e dizem mais sobre o mundo interno do indivíduo, do que o mundo exterior. A contação de histórias possui diversas funções, como a de transmitir conhecimentos, regras, morais, valores, culturas, tradições e até mesmo a função de entretenimento. Entendemos o ato de contar história como ação cultural, presente ainda hoje nas sociedades humanas. Ele se faz presente na educação formal e informal, ocorrendo tanto dentro das escolas, quanto em outros ambientes.

Através da criação do livro, enquanto objeto, tornou-se possível catalogar, organizar e difundir contos que até o século XV só eram transmitidos oralmente e registrados à mão, apenas por aqueles que dominavam a palavra escrita e o interesse em registrar tais histórias. O livro ilustrado surge primeiramente com as imagens servindo de decoração para o texto e em sua origem não considerava o público infantil.

O livro ilustrado é tanto um objeto educacional (pois tem em sua essência a transmissão de uma história, um conceito, uma ideia ou conhecimento), quanto um objeto artístico, que trabalha imagens de maneira artística e funcional. Este é um dos maiores desafios apontados por Széliga (2008), ao afirmar que o ilustrador está diante de um grande e

maravilhoso desafio: o de saber conduzir a imaginação do leitor, fertilizando-a, ao mesmo tempo em que o mergulho nas palavras se dá.

A partir disso, este trabalho tem como objetivo propor uma reflexão sobre a utilização dos contos ilustrados nas aulas de Artes Visuais, de forma que os mesmos sejam aplicados e entendidos a partir de referências culturais brasileiras, ou seja, apesar de existirem muitos contos originários de lugares distantes do Brasil, esses contos ao chegarem aqui, são comumente modificados e resinificados, se tornando parte da cultura popular brasileira.

O referencial teórico para este trabalho será Oliveira (2008), como norteador da análise da imagem da ilustração e com isso, do próprio desenvolvimento visual do produto educacional; Abramovich (2008) para compreendermos as diversas possibilidades de trabalho em sala de aula com o livro ilustrado; Amarilha (2003) afim de compreendermos o papel dos contos na formação da criança.

Finalmente, este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado em duas partes, sendo a primeira uma monografia desenvolvida a partir da pesquisa sobre o tema ilustração infantil no contexto da aula de Artes Visuais. Deste modo, observamos que há um capítulo subdividido em três partes, que discorrerá sobre o livro ilustrado, o livro ilustrado e sua importância no universo infantil, a utilização do livro ilustrado pelo arte-educador e as possibilidades de utilização do livro ilustrado em sala de aula.

A segunda parte do trabalho trata especificamente do produto educacional. Está dividida em Introdução, quatro capítulos e conclusão. No primeiro capítulo são apresentados os contos selecionados para o livro. No segundo capítulo são apresentadas referências imagéticas para exemplificar a identidade visual de cada conto. O terceiro capítulo trata da utilização do livro ilustrado em sala de aula e o quarto capítulo apresenta a sequência didática sugerida para arte-educadores.

2 JUSTIFICATIVA

Os primeiros contatos da criança com o mundo exterior se dão, principalmente, pela visão e o tato. Desde cedo a criança é submetida a estímulos visuais e é uma das formas pelas quais ela estabelece uma relação de aprendizado. Antes de apropriar-se da fala, a criança elabora outras formas de comunicação pautadas naqueles primeiros sentidos. É comum na fase pré-verbal infantil ser observado o desenvolvimento das expressões faciais, das indicações corporais (como quando ela aprende a apontar para um objeto que queira segurar) e da observação visual e auditiva dos estímulos externos. De acordo com Amarilha (2003), ao chegar na fase escolar, momento no qual a criança já está desenvolvendo a comunicação verbal, mas ainda não possui domínio sobre a escrita, percebemos que o livro ilustrado é uma grande ferramenta de educação. As imagens que ilustrar ideias e histórias auxiliam a apropriação de conhecimento da criança, não somente, o livro ilustrado quando utilizado como objeto educacional pode estimular a criatividade e a fruição da oralidade infantil. Ele possui um caráter abrangente, não sendo restrito à uma faixa etária, e é importante como um meio de apresentação do mundo literário para a criança

Outro estímulo que esta manifestação artística propicia é o do enriquecimento da cultura visual. Quanto maior o contato do ser humano com as imagens e seus desdobramentos poéticos, mais rico será seu imaginário. A observação das imagens e a conexão que criamos entre elas, ou seja, as conexões entre as palavras e seus significados, favorecem a expansão do universo onírico humano. Junto com esta cultura visual, a proposta de contos ilustrados abre caminho para a criança conhecer histórias do imaginário popular brasileiro. Histórias estas que possuem como característica principal a oralidade.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Possibilitar atividades de leitura de imagens com crianças em fase de alfabetização, que contribuam para a expansão da cultura visual deste público, através da apresentação de contos populares brasileiros, de origem africana, indígena e europeia.

3.2 Objetivos específicos

- Enfatizar a relevância da ilustração infantil para crianças em fase de alfabetização;
- Possibilitar o contato entre a criança e a cultura oral da contação de histórias;
- Viabilizar a leitura de imagens para crianças em fase de alfabetização, contribuindo para o enriquecimento do imaginário poético do público infantil;
- Promover discussões acerca dos temas abordados em cada conto, de maneira a evidenciar questões relacionadas a preconceitos socioculturais presentes na sociedade.

4 O QUE É O LIVRO ILUSTRADO?

Ao pensarmos em livro ilustrado devemos lembrar, antes de tudo o que é ilustração, uma vez que a imagem é fundamental para a existência do livro ilustrado. De acordo com Daniele Cajueiro, editora do livro “*Pelos Jardins Boboli: Reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*”, de Rui de Oliveira, “a ilustração é uma forma de imagem não-verbal, com seus símbolos e signos, que pode ter ainda mais significado do que um texto de milhares de palavras” (OLIVEIRA, 2008, p.10). A ilustração de livro infantil é narrativa, ela está associada ao texto (ainda que seja um livro de imagens, a ilustração surgirá a partir de um roteiro pré-estabelecido), ela narra uma história. Porém ela não está subjugada à palavra e nem tão pouco é um recurso visual (uma cópia visual) do que está escrito, pois texto e imagem coexistem e se relacionam, sendo que a ilustração deve sempre ir além e abrir portas para a imaginação. A ilustração deve possibilitar a viagem no mundo literário sem limitá-lo.

A partir desta compreensão, seguimos para o livro ilustrado, que é o resultado desta junção de imagem e palavra. Entendemos o livro ilustrado como uma forma de expressão artística na qual palavras e imagens estabelecem relações entre si, e desempenha papel fundamental no ato de contar histórias através da narrativa visual. Tem como característica possibilitar ao leitor duas formas de leitura que ocorrem simultaneamente: a leitura de imagens e a leitura do texto escrito.

Atualmente podemos considerar o livro ilustrado como importante ferramenta no processo educacional formal e informal infantil. Vale ressaltar que, de acordo com Costa (2014), o processo de educação formal constitui naquele que ocorre numa instituição de ensino, possui uma metodologia e aplicação. Enquanto o processo de educação informal ocorre durante as experiências vividas pelo indivíduo, durante toda a sua vida.

De acordo com Marly Amarilha, o contato com a literatura auxilia a criança a compreender as diferenças entre o mundo real e o imaginado. No campo simbólico a autora afirma haver dois níveis: o da palavra e o da identificação com as personagens.

A literatura possibilita esse treinamento no simbólico em dois níveis: no nível da palavra - quando chama atenção sobre si mesma, pois a literatura é produto de linguagem. Na literatura, a palavra é o elemento mais importante, é ela que desencadeia o universo imaginado. Então, para entender uma história, nós temos que prestar atenção às palavras e elas são códigos - peteca é a soma que bem pensado não tem relação alguma com o objeto a que se refere, no entanto, aprendemos por abstração que ao som dessa

palavra nós lembramos imediatamente do objeto de que trata. (AMARILHA, 2003, p.54)

Amarilha (2003) aponta que a atividade lúdica de ler o livro ilustrado permite que a criança entre em contato com o campo simbólico das palavras. É o momento no qual a criança aprende a lidar com as diferenças do mundo real e do imaginado, “Esta habilidade de transitar por dois mundos – que o lúdico proporciona – introduz a criança no conhecimento dos limites das coisas acontecidas e das inventadas” (p.54). É um desenvolvimento que diz respeito à capacidade de abstração que o ser humano obtém ao adquirir a linguagem escrita. Uma palavra só tem significado a partir da compreensão que temos sobre o objeto ao qual ela se refere.

O outro nível em que atua é o da identificação com as personagens de uma narrativa que dá ao leitor ou ouvinte a possibilidade de suspender, transitoriamente, a relação com o cotidiano e viver outras vidas. Quando a criança ou leitor vive os dramas pela história, ela é introduzida no jogo simbólico de ser personagem, enquanto não deixa de ser leitor. Esses dois níveis de acesso à abstração simbólica são, pedagogicamente, relevantes para o indivíduo que quanto mais avança para o crescimento mais envolvido fica em uma sociedade estruturada em códigos, portanto, símbolos. (AMARILHA, 2003.p.54-55)

De acordo com a autora, no momento de interação com uma história, o leitor pode se transportar para aquele mundo e vivenciar as situações narradas, aprendendo e compreendendo emoções e dilemas que poderão ser vividos pela criança. É neste sentido que afirmamos a necessidade de apresentar a este público infantil, em fase de alfabetização entre 6 e 9 anos de idade, personagens e cenários lúdicos, mas que possam estar inseridos na realidade social e cultural da criança.

4.1 O livro ilustrado e o universo infantil

As crianças ao estabelecerem contato com imagens, abrem novos caminhos interpretativos e enriquecem os textos ilustrados com novas significações. Antes mesmo de serem alfabetizadas o contato com o livro ilustrado abre novos caminhos imaginativos, pois elas conseguem apropriar-se das ilustrações e narrá-las de maneira linear, descrevendo ações e sensações, ou seja, contam uma história, sem necessariamente terem lido a mensagem verbal.

Aprender a ler imagens antes de ler palavras é um dos possíveis caminhos a serem seguidos quando consideramos o caráter observador, sensível e criativo da criança. Como afirma Rui de Oliveira:

Infelizmente priorizamos para as crianças, de forma até perversa, o aprendizado da leitura das palavras como atestado de alfabetização. Seria mais conveniente se, nas escolas de ensino fundamental, a iniciação à leitura das imagens precedesse a alfabetização convencional. Certamente teríamos no futuro melhores leitores e apreciadores das artes plásticas, do cinema e da TV, além de cidadãos mais críticos e participativos diante de todo o universo icônico que nos cerca. A própria posterior alfabetização convencional seria muito mais agradável às crianças. (OLIVEIRA, 2008.p.29)

Seguindo o pensamento do autor, a alfabetização visual proporcionaria à criança não apenas uma leitura melhor, mas também valorizaria a importância da relação entre texto e imagem. Neste sentido, acredita-se que a apreciação estética do livro ilustrado levaria à uma apreciação da leitura textual, uma vez que despertaria no pequeno leitor um interesse em compreender o código escrito: as palavras.

4.2 Como os livros ilustrados são utilizados pelo educador

Ao considerarmos a utilização do livro ilustrado no processo formal de alfabetização da criança, surgem questionamentos acerca da mesma. Apontaremos, considerando os conceitos de Amarilha (2003), dois fatores que limitam a experiência e aproveitamento do ato de ler o livro ilustrado na escola, que são: a não utilização do livro ilustrado para trabalhar conhecimentos e habilidades das artes visuais; e o distanciamento entre história e receptor, a partir de uma linguagem visual estereotipada de padrões europeus amplamente difundidos nas histórias infantis que utilizamos em sala de aula atualmente.

Em relação à presença da literatura nas aulas de artes visuais, observaremos que esta está pouco presente, sendo muitas vezes compreendida como atividade de sala de leitura. De acordo com Amarilha (2003, p. 17-18), os livros ilustrados são utilizados como recurso para silenciar a turma. A autora afirma que não raro são as leituras feitas com o único objetivo de fazer com que as crianças em sala de aula fiquem mais quietas e atentas. Ainda de acordo com a autora, existe de fato um encantamento deste público infantil no ato de contar uma história. Dois aspectos principais para este interesse ocorrer são: a estrutura da narrativa e a identificação com as personagens.

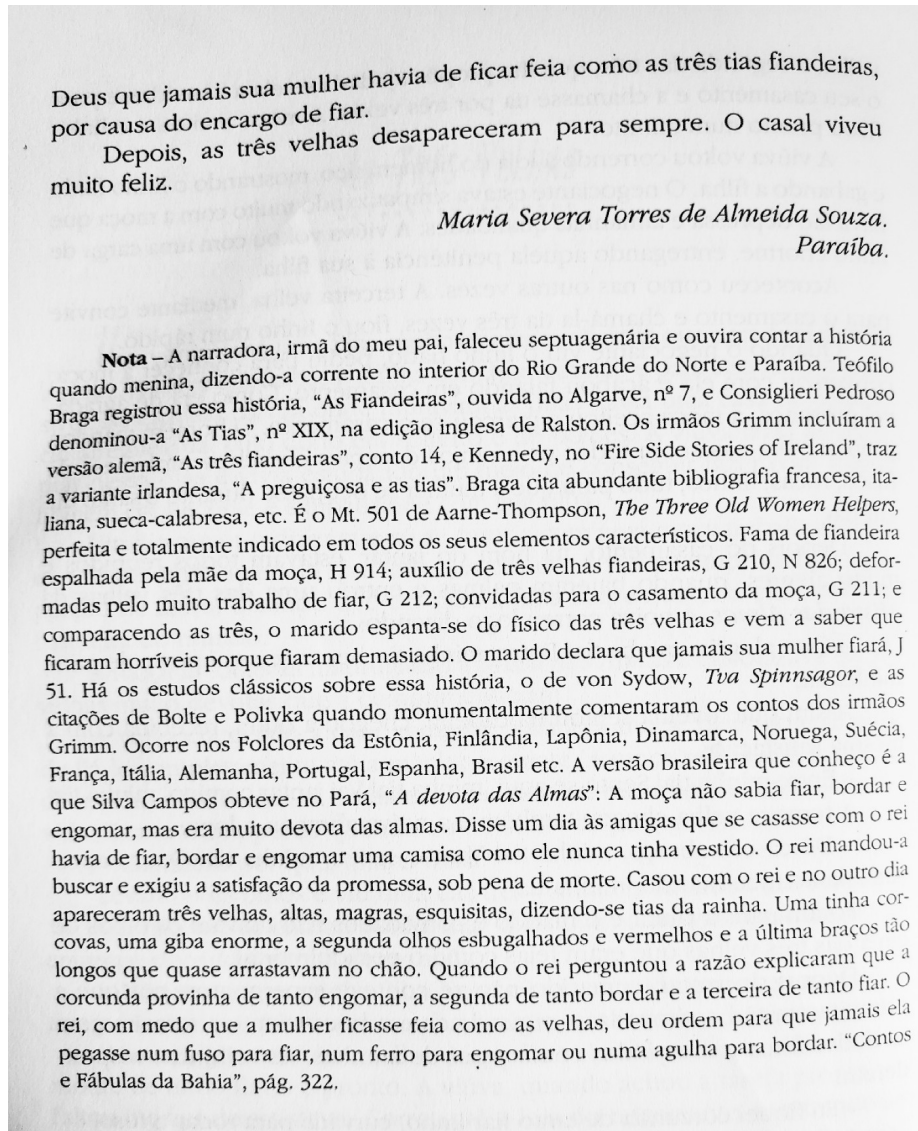
Sobre o primeiro aspecto, daremos ênfase à presença do conto enquanto narrativa. O conto é por definição um texto curto, com início, meio e fim, que geralmente possui um desfecho de caráter moral. Esse tipo de narrativa desperta no receptor uma expectativa. O que ocorre é que enquanto o texto se preocupa em narrar um evento, o leitor antecipa os próximos acontecimentos de maneira imaginária, ele busca significado e razão no desfecho da narrativa. E se suas expectativas são correspondidas, “esse aspecto lúdico da narrativa [...] lhe faz um elogio intelectual, na medida que suas previsões se aproximam das soluções do conto” (AMARILHA, 2003, p.20).

Em relação à narrativa, ao utilizar o livro ilustrado em aula, o arte-educador acaba por trabalhar questões diretas da literatura, como já afirmamos. Porém, o que apontamos aqui é a falta de objetividade nesta ação, é deixar a experiência se limitar em descobrir uma história e vê-la terminar no final da aula. Se não houver uma sequência didática para trabalhar questões psicológicas, morais, culturais e artísticas apresentadas nos contos, a experiência da criança com o livro ilustrado fica prejudicada.

Por ter esse caráter muitas vezes “pedagógico”, no sentido de transmissão de valores e culturas, os contos são um recurso mais acessível enquanto literatura, ao considerarmos o público infantil, na faixa etária dos 7 anos de idade. O que ocorre é que constantemente os contos mais utilizados são aqueles que representam uma cultura diferente da nacional. Ora essa cultura estrangeira está presente no texto, ora está presente nas ilustrações, ou em ambos. Ainda que esse fenômeno não constitua um problema em si, o que precisamos considerar é a necessidade de produzirmos mais conteúdo artístico literário voltado à realidade cultural brasileira.

Um exemplo de ressignificação desses contos é o trabalho do historiador e antropólogo Câmara Cascudo, que em diversos livros documenta lendas, contos e credices populares brasileiras. Ao ler os livros de Cascudo é interessante notar como o mesmo ao documentar cada uma das histórias, adiciona ao fim delas diversas notas (figura 1, p.18) que as localizam em relação à região em que é comumente contada, suas possíveis variações de nome e enredo, e em alguns casos se possui uma história na qual se baseia em outros lugares do mundo. Essa perspectiva é interessante para percebermos que mesmo os contos de origem europeia ou africana possuem contrapartes e versões que se adaptam às realidades culturais brasileiras, sendo essas as versões as quais pretendemos analisar para que assim possam fazer parte do produto educacional, o livro *Contos de Iberê*.

Figura 1 -- Notas do autor utilizadas para contextualizar as origens e variações dos contos apresentados



Fonte: LUÍS DA CÂMARA CASCUDO (org.), Contos Tradicionais do Brasil, 2004. Arquivo pessoal, 2019.

Outra questão é identificação com as personagens da história. Não apenas da história, mas a identificação com o mundo apresentado. Quais os critérios abordados na ilustração, no sentido de representação, que possibilitam uma identificação entre o receptor e os personagens apresentados? Como abrir caminhos para que a criança possa se sentir pertencente ao mundo que foi colocado na frente dela? Mais uma vez a sequência de experiências vividas em sala de aula a partir da leitura de livro deve ser considerada.

O receptor coloca-se no lugar dos agentes da ação, ele transporta-se para o mundo imaginado da história e coloca-se no lugar de seus protagonistas. Através da identificação com a personagem a criança vislumbra diferentes experiências de ver e sentir o mundo:

Nesse processo, o receptor da história envolve-se em eventos diferentes daqueles que está vivendo na vida real e, através desse envolvimento intelectual, emocional e imaginativo, experimenta fatos, sentimentos, reações de prazer ou frustração podendo, assim, lembrar, antecipar e conhecer algumas das inúmeras possibilidades do destino humano. Pelo processo de "viver" temporariamente os conflitos, angústias e alegrias dos personagens da história, o receptor multiplica as suas próprias alternativas de experiências do mundo, sem que com isso corra algum risco. (AMARILHA, 2003. p.19)

4.3 O livro ilustrado e suas possibilidades na aula de artes

Afim de compreender as diversas possibilidades de trabalho que o livro ilustrado propicia para o arte-educador, apontaremos o percurso da leitura de imagens, no sentido evidenciar a importância da formação crítica do pequeno leitor e do desenvolvimento da percepção visual.

O currículo básico nacional³ estabelece como obrigatório durante os anos iniciais do Ensino Fundamental, um dos campos artísticos: artes visuais, teatro e música, com isto, podemos entender que durante a fase de alfabetização, a criança é apresentada a conteúdos artísticos. No caso das artes visuais, os conteúdos que a criança irá desenvolver nesta fase são básicos das artes visuais, como cor, desenho, textura, materialidade e espacialidade. Todos esses elementos de ensino são considerados como campo exclusivo da área de artes visuais, deixando a cargo dos professores específicos apresentá-los aos alunos da maneira que acharem melhor. É neste sentido que apontamos a falta de utilização do livro ilustrado como ferramenta de ensino de artes, pois este é visto como um instrumento da alfabetização, relacionado ao ensino da língua portuguesa ou relacionado a trabalhos das salas de leitura.

Precisamos compreender as várias aplicações do livro ilustrado enquanto ferramenta para o ensino de artes, principalmente na fase de alfabetização da criança. Entendemos que o livro deve ser muito mais que um “objeto de contar histórias”, ele deve ser um objeto de apreciação visual, dando espaço a análises visuais, aos possíveis trabalhos artísticos que podem se desdobrar a partir de aulas que contemplem o livro ilustrado como um ponto de partida para trabalharmos com as questões referente às artes visuais.

Nesta fase de alfabetização, a oralidade é característica marcante nas aulas de artes. Observamos que a criança se expressa pela fala, antes de criar uma imagem através do desenho, ela inicia sua ideia falando, contando aquilo que deseja fazer. É neste movimento de

³Conforme definido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996).

pensar, falar e fazer que ela compreende e concretiza conceitos. Permitir aulas que trabalhem o livro ilustrado como um facilitador desse processo criativo infantil, é também função do arte-educador.

De acordo com Fanny Abramovich (2008), a percepção visual da criança pode começar pela apreciação estética do livro ilustrado. De acordo com a autora parte do desenvolvimento do leitor crítico se dá no exercício do questionamento, começando pela observação e discussão sobre o próprio livro:

E o objeto-livro... há tanto o que perceber, o que comentar, o que olhar, o que opinar a respeito!... A começar da capa (se bonita e atraente, boba, sem nada a ver com a narrativa ...), do título que, afinal, são o primeiro contato que se tem com o volume: o impacto visual e a curiosidade despertada ou adormecida... E por que não discutir a encadernação, do desprazer que é ver um livro amado desfolhando, descolando, não dando mais nem para virar página?... E o jeito como o volume foi paginado, olhando muito do bem olhado se a ilustração corresponde ao que está escrito na página ao lado, se está tudo muito compactado, muito apertado, sem espaço para respirar... ou, ao contrário, se ficou muito pouca coisa escrita ou desenhada em cada folha sobrando partes em branco demais da conta, só para engrossar o livro? (ABRAMOVICH, 2008, p.145)

É com este tipo de provocação que o professor pode auxiliar a turma a verbalizar aquilo que visualmente cada um observa e compreende. Para Abramovich (2008, p.143) o despertar da leitura crítica e observação ativa do livro ilustrado possibilita que a criança se torne um leitor a partir do gosto pela experiência completa.

E de que maneira, então, pode-se desenvolver esta percepção visual infantil? Observando e verbalizando. Compreendemos que através da conversa, da discussão damos início à leitura de imagens. Pode-se levar a criança a observar questões elementares das artes visuais, como formas, cores, texturas. Indagar sobre o cenário apresentado, estabelecer relações entre o espaço imaginado na história e espaços concretos, procurando também compreender a realidade da criança.

Observar a caracterização das personagens, como se apresentam, quais as roupas estão vestindo, quais as características físicas e psicológicas principais de cada personagem apresentada; discutir se a aparência dos personagens pode ser usada para descrever a personalidade deles também é uma forma de ler a imagem visual. E neste sentido, Abramovich (2008) aponta o perigo das representações tão estereotipadas que acabam por reproduzir preconceitos e limitam a criatividade infantil.

É incrível como se confundem e até se reforçam em livros infantis, o ético e o estético. Invariavelmente, a bruxa, o gigante e outras personagens são extremamente feias, ou até monstruosas, grotescas ou deformadas, fazendo com que o afastamento físico, a repulsa instintiva, a reação da pele sejam detonador do temor e do medo, e não a ameaça emocional do que eles representam de fato para a criança... Afinal, a bruxa não é mostrada como um ser misterioso, enigmático, que conhece e domina outros saberes, que pode até ser muito sedutora e atraente (e por isso perigosa e ameaçadora). (ABRAMOVICH, 2008, p.36)

Neste sentido, a autora aponta para a falta de personagens que levem o leitor a compreender sua função e personalidade pelas atitudes, ao invés da aparência. Desenvolver personagens com os quais o autor possa criar conexões, mas sem deixar de entender seus defeitos e falhas, evitando assim o julgamento pautado numa compreensão de bonito e feio, alto e baixo, gordo e magro, o que leva a perpetuarmos preconceitos.

[..] A fada, a princesa, a mocinha, são sempre protótipos da raça ariana: cabelos longos e loiros, olhos azuis, corpo esbelto, altura média, roupa imaculada... O mocinho, príncipe, é alto, corpulento, forte, elegante [...]. O rei é velho, com uma coroa devidamente deposita da na nobre cabeça, com barbas brancas e longas, muito mais para associar a ideia do poder com a de longevidade do que com a de sabedoria, pois, em geral, o monarca não é mui atilado ou sagaz... De qualquer modo, não é jovem ou ligeiramente maduro, pois este parece não estar apto para conquistar o poder, por mais corajoso, audaz, valente, idealista que já tenha se mostrado...[...] (ABRAMOVICH, 2008, p. 36-37)

Mais uma vez, a autora reforça o perigo para a utilização de estereótipos, apontando como esses julgamentos estéticos acabam por atribuir qualidades e defeitos às pessoas de acordo com sua aparência. Nas figuras 2 e 3 (p.22-23) observamos este uso de estereótipo na construção de personagens comuns das histórias infantis: a princesa e o rei. Na imagem 2 (p.22), podemos observar um exemplo de princesa loira e branca, enquanto na imagem 3 (p.23), o rei aparece como um homem branco e ruivo, de meia idade. Enfatizamos esta questão dos estereótipos apontada pela autora, uma vez que diz respeito à uma segunda questão que deve ser trabalhada pelo arte-educador: a identificação com as personagens de uma história. Se por um lado, o receptor estabelece conexão com a história baseado na trajetória e nas ações de seus protagonistas, por outro lado, pouco enfatizamos o quanto é importante conectar-se também com a imagem apresentada. Para Abramovich (2008), há de se repensar nas formas de representação e caracterização das personagens:

Como dizia o Marquês de Sade: "A ética é uma questão de geografia. E a estética talvez seja uma questão de História..." Saber interpretar o momento, ampliar os referenciais, não se limitar com estereótipos, não endossar os

disparates imposto- não reforçar os preconceitos, é buscar talvez no estético o momento de ruptura de transgressão, onde não haja falsas e tolas correspondências, mas descobertas de toda a sedução encoberta, da beleza e sabedoria a serem reveladas, de padrões que não são os dos chamados países desenvolvidos. Afinal, vivemos na América Latina e pertencemos ao Terceiro Mundo!!! (ABRAMOVICH, 2008.p.41)

Torna-se evidente então a necessidade e importância de se trabalhar num sentido de percepção visual e crítica do livro ilustrado com a criança, considerando a necessidade de afirmação da identidade de cada um. Compreendemos que a inserção da criança no mundo imaginário se dá pela própria narrativa e imagem apresentadas, todavia, deve-se entender que esta experiência vivida será registrada na memória e poderá desdobrar-se em diferentes momentos da vida da criança. Por isto a importância do produto educacional, o livro Contos de Ibero, apresentar contos e imagens que acrescentem ao arcabouço imaginário infantil e não o limitem, transformando-o em mero imitador de estereótipos.

Figura 2 - Ilustração de Renato Alarcão para o livro "História Meio ao Contrário", de Ana Maria Machado, Editora Ática, 2005.



Fonte: <http://alarcao.com.br/portfolio/historia-meio-ao-contrario/#>. Acesso em: 16/mar/2019.

Figura 3 - Ilustração de Renato Alarcão para o livro "História Meio ao Contrário", de Ana Maria Machado, Editora Ática, 2005.



Fonte: <http://alarcao.com.br/portfolio/historia-meio-ao-contrario/#>. Acesso em: 16/mar/2019.

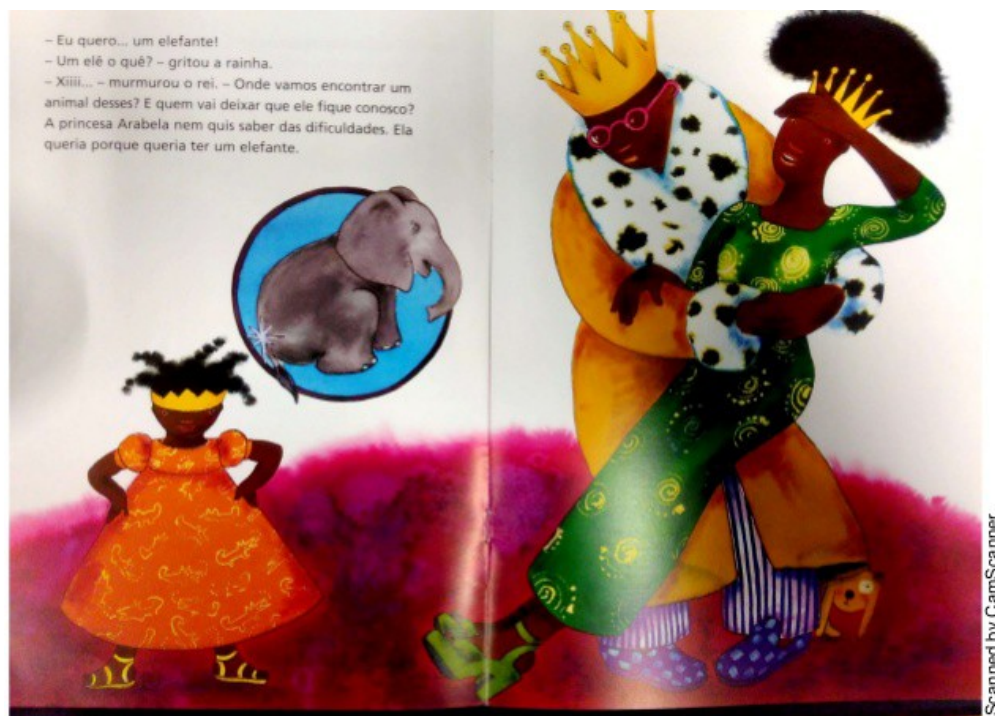
Um exemplo de ilustração de livro infantil que busca desconstruir estereótipos é a sequência de livros criada pela autora neerlandesa-americana Mylo Freeman, que tem como protagonista a princesa Arabela, que é uma princesa negra (figuras 4 e 5, p.24). Outro exemplo que busca diferenciar tanto na visualidade, quanto no tema é o livro “Omo-Oba: histórias de princesas” (2009), escrito pela autora Kiussam de Oliveira e ilustrado por Josias Marinho. Neste livro, são apresentados ao leitor mitos africanos e afro-brasileiros, de tradição Ketu, que tratam da criação do mundo protagonizada por mulheres. Apresenta mitos de Oiá, Oxum, Iemanjá, Olocum, Ajê Xalugá e Oduduá (figuras 6 e 7, p.25).

Figura 4 - Capa do livro Princesa Arabela, mimada que só ela!, de Mylo Freeman



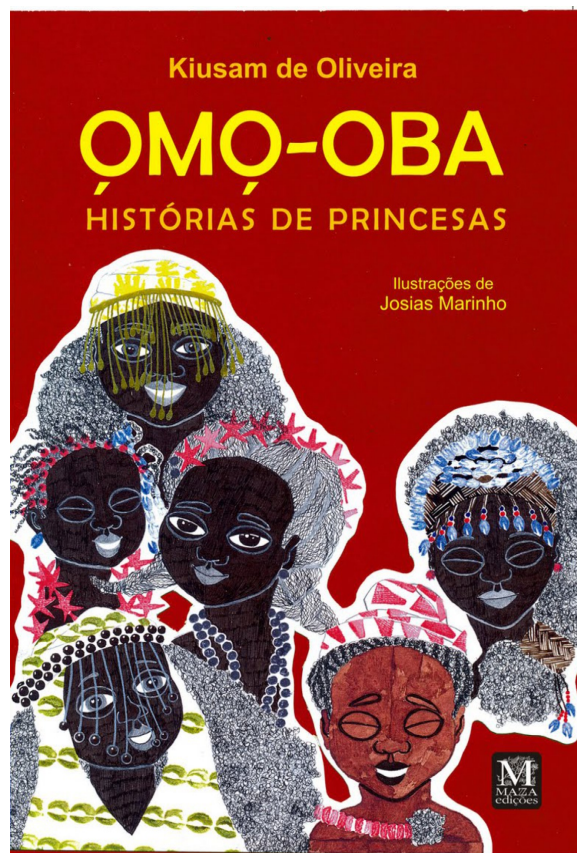
Fonte: <https://www.palavrasabertas.com.br/produto/princesa-arabela-mimada-que-so-ela/>. Acesso em: 16/mar/2019.

Figura 5 - Miolo do livro Princesa Arabela, mimada que só ela!, Mylo Freeman



Fonte: <https://www.palavrasabertas.com.br/produto/princesa-arabela-mimada-que-so-ela/>. Acesso em: 16/mar/2019.

Figuras 6 e 7 - Da cima para baixo, respectivamente, Capa do livro Omo-Oba: Histórias de princesas; e detalhe de ilustração do miolo.



Fonte: <http://omo-oba-historiasdeprincesas.blogspot.com/2010/04/>. Acesso em: 16/mar/2019.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que é necessário repensar o livro ilustrado dentro do campo da arte-educação. Ele é mais que um objeto de estudo da palavra, ele contempla de uma só vez, palavra e imagem, permitindo ao leitor a criação de todo um mundo imaginário.

O livro ilustrado é um objeto de ensino com muitos desdobramentos e cabe ao professor estar aberto para se permitir vivenciar tantas possibilidades com a turma. Vale ressaltar que se deve pensar caminhos para que a apreciação estética do livro ilustrado possa ocorrer de maneira orgânica, levando a criança ao desenvolvimento de uma percepção visual.

Cabe também ao professor buscar obras que trabalhem de maneira não estereotipada e engessada, para que não continue perpetuando-se as ideias e visualidades preconceituosas, limitadas e limitantes. Que apresentem tanto na palavra quanto na imagem um caráter lúdico, imaginário, libertador e artístico, com a finalidade de propiciar à criança um contato imageticamente rico e literariamente curioso, livre e cheio de possibilidades para desenvolver a imaginação infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2008 (Série: Pensamento e Ação no Magistério).

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

COSTA, Rodrigo Heringer. Notas sobre a Educação formal, não-formal e informal. In: **SIMPOM: Educação Musical**, 2014, Rio de Janeiro. Anais do III SIMPOM. p.435-444.

FERNANDES, Cláudio. **Invenção da imprensa**; Brasil Escola. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/invencao-imprensa.htm>. (Acesso em 17 de fevereiro de 2019).

GOMES, Regina Augustta de (Org.). **Palavras em Yorubá com tradução para o português**. [S.d.]. Disponível em: <http://vidademacumbeiro.blogspot.com/2008/11/dicionrio-yoruba-portugues-5a-ed.html>. Acesso em: 24/mar/2019.

LDB-Leis de Diretrizes e Bases. Lei nº 9.394.1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein_9394.pdf> (Acesso em 03 de julho de 2019)

LINDEN, Sophie van der; **Para Ler o Livro Ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LOPES, Patrícia. **"Gestalt"**. In: *Brasil Escola*. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/gestalt.htm>. Acesso em 05/mai/2019.

MOTTA, Carlos Eduardo Varella Pinheiro. **Conto**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/redacao/conto/> (acesso em 26 de fevereiro de 2019).

OLIVEIRA, Iedeia de (org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008.

OLIVEIRA, R. de. **Pelos Jardins Boboli: Reflexões Sobre a Arte de Ilustrar Livros para Crianças e Jovens**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008. PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SARDELICH, Maria Emília. **Leitura de Imagens, Cultura Visual e Prática Educativa**. Cadernos de Pesquisa. Feira de Santana/BA, v.36, n.128, p.451-472, maio/ago. 2006.

SZÉLIGA, Márcia. Depoimentos. In: OLIVEIRA, Ieda (org.). **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil:** com a palavra o ilustrador. São Paulo: DLC, 2008, p.181-183.

APÊNDICE A - PRODUTO EDUCACIONAL

Andressa Amaral da Silva

CONTOS DE IBÈRE

Rio de Janeiro
2019

RESUMO

O produto educacional desenvolvido divide-se em duas partes. Na primeira trata-se de um livro ilustrado, intitulado Contos de Ibeře, que apresenta seis contos populares brasileiros. Estes contos dividem-se de acordo com suas origens, sendo dois de origem indígena, dois de origem africana e dois de origem europeia. Este produto tem como finalidade apresentar e proporcionar o contato com culturas que deram origem à cultura brasileira, caracterizando-a como uma cultura baseada nas diferenças e na pluralidade social. Na segunda parte, este produto apresenta uma sequência didática, sugerida como modelo de atividades de sala de aula, afim de que o livro ilustrado sirva como objeto educacional para o trabalho de artes, no sentido de possibilitar o contato da criança em fase de alfabetização com imagens ilustradas e artísticas, e de desenvolver a habilidade de leitura de imagens. Espera-se com este livro ilustrado auxiliar arte-educadores no trabalho de contação de história e ainda, tratar de temas transversais como preconceito étnico, de gênero e social, através dos temas presentes em cada um dos contos selecionados para este livro.

Palavras-chave: livro ilustrado; ilustração; artes visuais.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	33
2 O PRODUTO EDUCACIONAL	35
2.1 Contos de origem africana	35
2.2 Contos de origem indígena	38
2.3 Contos de origem europeia	39
3 O LIVRO ILUSTRADO: CONTOS DE IBÉRÊ	42
3.1 Ilustrações	43
3.1.1 1ª Parte: Contos Indígenas	43
3.1.2 2ª Parte: Contos Africanos.....	46
3.1.3 3ª Parte: Contos Europeus.....	49
4 UTILIZAÇÃO	52
5 SEQUÊNCIA DIDÁTICA	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

O produto educacional trata-se de um livro ilustrado infantil, intitulado Contos de Ibeře. O nome do livro foi escolhido por significar Contos de Origem, compreendendo que são contos trazidos por povos diferentes que deram origem ao Brasil.

Desenvolvi este livro com o intuito de levar à sala de aula contos populares brasileiros, identificando-os de acordo com sua origem, afim de trabalhar com a percepção de como a cultura brasileira foi formada por diferentes culturas, como ela é rica de histórias e como esta variedade é uma característica brasileira.

Compreendo o livro ilustrado como uma forma de trabalhar arte visual de maneira simples e efetiva, considerando o público infantil e sua natureza lúdica que viabiliza o desenvolvimento da contação de histórias com forte potencial imaginário e criativo.

Sendo assim, pensei em utilizar o livro ilustrado como um instrumento ao abordar um conteúdo importante e complexo, que é a questão do preconceito sociocultural em relação aos índios e sua cultura, em relação aos negros e suas diversas origens africanas, que trazem consigo uma pluralidade cultural que reverbera tanto em nossa língua, quanto em nosso vestuário, indo até as religiões. E ainda, com os contos de origem europeia, busco trazer à luz discussões sobre a maneira como tratamos o outro, trabalhando com o tema de respeito ao próximo e como é prejudicial o preconceito de classe, de gênero, de cultura.

Para trabalhar este tipo de conteúdo é importante que o educador estabeleça o hábito, junto à turma, de fazer a leitura de imagens. Através da observação das ilustrações de uma história, a criança é capaz de compreender aquilo que não está explicitado em palavras. Além disso, trabalhar de maneira oral com crianças em fase de alfabetização é algo comum, uma vez que a criança consegue compreender e absorver conteúdos a partir da fala.

Considerando o público-alvo professores de arte e alunos, espera-se que Contos de Ibeře seja uma ferramenta a mais para o professor de Artes Visuais, viabilizando a prática da leitura de imagens diretamente relacionada a discussões importantes que tratam de questões de estereótipos e preconceitos. Desenvolver o espírito crítico e a capacidade de se expressar em grupo é também um objetivo das Artes Visuais enquanto disciplina escolar.

Para além do livro, desenvolvi uma sequência didática que está disponível on line, de maneira gratuita para que o professor possa utilizá-la ao optar por trabalhar com Contos de Ibero em sala de aula.

2 O PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional apresenta como tema contos oriundos de povos diferentes e que constituem a formação sociocultural do Brasil. Afim de trabalhar com esta questão da pluralidade cultural brasileira, selecionei seis contos populares brasileiros que integram o livro. São eles: dois contos de origem africana (Oxumaré Desenha Arco-Íris no Céu para Estancar a Chuva e Os Ibejis Enganam a Morte), dois de origem indígena (A Lenda do Guaraná e Mani, a Lenda da Mandioca) e dois de origem europeia (A Roupas Nova do Rei e O Rei Midas).

Os contos populares têm como característica principal a oralidade, o que torna sua origem desconhecida sem, contudo, perder seu valor histórico. Este caráter é um recurso pedagógico muito utilizado na fase de alfabetização infantil. Desta forma, a primeira questão importante a ser considerada na utilização de Contos de Ibejé é a leitura em grupo, guiada pelo educador, a qual o aluno deve ser incentivado a discutir, perguntar e questionar sobre o a história contada.

Outra questão a ser considerada é a possibilidade de desenvolver aulas de leitura de imagens, através de questionamentos do próprio educador junto à turma, acerca das imagens do livro. Neste sentido, o desenvolvimento da percepção visual infantil é estimulado, auxiliando o processo de aprendizagem e de uma compreensão crítica do mundo.

Sendo assim, unindo estas características já apontadas, o livro contos de Ibejé pode ser utilizado em aulas de artes para trabalhar questões sociais, como pluralidade cultural, cultura popular e preconceitos socioculturais; através da oralidade, atividades em grupo e leitura de imagem.

2.1 Contos de origem africana

Para os contos de origem africana, selecionei dois mitos que ainda hoje fazem parte da mitologia afro-brasileira, sendo inclusive compilados na obra de Reginaldo Prandi, Mitologia dos Orixás (2001), de onde os contos serão reproduzidos na íntegra, buscando não perder seu caráter e valor histórico.

Em Oxumaré Desenha Arco-Íris no Céu para Estancar a Chuva (PRANDI, 2001, p.224), o conto trata de uma explicação mítica para o fenômeno do arco-íris. Compreendo que abordar um fenômeno natural e físico a partir de um mito, ajuda a criança a desenvolver seu lado criativo e lúdico, condição inerente para as aulas de Artes Visuais. Com este conto ainda

é possível que trabalhemos com um dos temas transversais que é relações de gênero, de maneira sutil, utilizando a ambiguidade de apresentar no texto a personagem Oxumaré referenciada com pronome masculino, e nas ilustrações ela será apresentada com características femininas, afim de instigar o leitor sobre o assunto. Esta apresentação do Orixá Oxumaré não é incomum, considerando que há um mito no qual o Orixá apresenta-se como homem durante seis meses do ano e como mulher nos outros seis meses. Há ainda mitos nos quais o Orixá transforma-se em cobra ou tem seu corpo transformado em metade homem e metade cobra.

No conto “Os Ibejis Enganam a Morte” (PRANDI, 2001, p.375-377) somos apresentados aos Ibejis, ou Erês, que são Orixás que se apresentam na forma de crianças e são muito travessos e brincalhões. Neste conto temos como característica principal a sagacidade da criança, que resolve um problema com muita criatividade e astúcia. Este caráter criativo é o nosso interesse em apresentar este conto. Através da trama o leitor pode perceber que muitas vezes é preciso buscar soluções diferentes e criativas para um problema que parecia insolúvel. É possível ainda, discutir a ideia de persistência, levando o leitor a pensar como ele se comporta de frente a um problema: ele busca soluções criativas? Ou ele desiste sem tentar? Ainda que seja um discurso simples, considerando o público-alvo deste livro, que são crianças na faixa etária dos seis aos dez anos de idade, faz-se necessário utilizar o conto também como encorajamento.

OS IBEJIS ENGANAM A MORTE

Os Ibejis, os orixás gêmeos, viviam para se divertir. Não é por acaso que eram filhos de Oxum e Xangô. Viviam tocando uns pequenos tambores mágicos, que ganharam de presente de sua mãe adotiva, Iemanjá.

Nessa mesma época, a Morte colocou armadilhas em todos os caminhos e começou a comer todos os humanos que caíam nas suas arapucas. Homens, mulheres, velhos ou crianças, ninguém escapava da voracidade de Icu, a Morte. Icu pegava todos antes de seu tempo de morrer haver chegado.

O terror se alastrou entre os humanos. Sacerdotes, bruxos, adivinhos, curandeiros, todos se juntaram para pôr um fim à obsessão de Icu. Mas todos foram vencidos. Os humanos continuam morrendo antes do tempo.

Os Ibejis, então, armaram um plano para deter Icu. Um deles foi pela trilha perigosa onde Icu armara sua mortal armadilha. O outro seguia o irmão escondido, acompanhando-o à distância por dentro do mar. O Ibeji que ia pela trilha ia tocando seu pequeno tambor. Tocava com tanto gosto e maestria que a Morte ficou maravilhada, não quis que ele morresse e o avisou da armadilha.

Icu se pôs a dançar inebriadamente, enfeitiçada pelo som do tambor do menino. Quando o irmão se cansou de tanto tocar, o outro, que estava escondido no mato, trocou de lugar com o irmão, sem que Icu nada percebesse. E assim um irmão substituía o outro e a música jamais cessava. E Icu dançava sem fazer sequer uma pausa.

Icu, ainda que estivesse muito cansada, não conseguia parar de dançar. E o tambor continuava soando seu ritmo irresistível. Icu já estava esgotada e pediu ao menino que parasse a música por instantes para que ela pudesse descansar. Icu implorava, queria descansar um pouco. Icu já não aguentava mais dançar seu tétrico bailado.

Os Ibejis então lhe propuseram um pacto. A música pararia, mas a Morte teria que jurar que retiraria todas as armadilhas. Icu não tinha escolha, rendeu-se. Os gêmeos venceram. Foi assim que os Ibejis salvaram os homens e ganharam fama de muito poderosos, porque nenhum outro orixá conseguiu ganhar aquela peleja com a Morte.

Os Ibejis são poderosos, mas o que eles gostam mesmo é de brincar.

OXUMARÊ DESENHA O ARCO-ÍRIS NO CÉU PARA ESTANCAR A CHUVA

Conta-se que Oxumarê não tinha simpatia pela Chuva. Toda vez que ela reunia suas nuvens e molhava a terra por muito tempo, Oxumarê apontava para o céu ameaçadoramente com sua faca de bronze e fazia com que Chuva desaparecesse, dando lugar ao arco-íris.

Um dia Olodumare contraiu uma moléstia que o cegou. Chamou Oxumaré, que da cegueira o curou. Olodumare temia, entretanto, perder de novo a visão e não permitiu que Oxumaré voltasse à Terra para morar. Para ter Oxumaré por perto, determinou que morasse com ele, e que só de vez em quando viesse a Terra em visita, mas só em visita. Enquanto Oxumaré não vem à Terra, todos podem vê-lo no céu com sua faca de bronze, sempre se fazendo no arco-íris para estancar a Chuva.

2.2 Contos de origem indígena

Os contos de origem indígena, assim como os africanos, trazem lendas que procuram contar sobre origens míticas de plantas que são essenciais para algumas culturas indígenas. Nos dois contos escolhidos para este livro, observamos a importância dada ao guaraná e à mandioca, respectivamente, em “A Lenda do Guaraná” e “Mani, a Lenda da Mandioca”. Por se tratarem de contos populares e possuírem versões diferentes, dependendo da fonte e da região em que são contados, escolhi a versão de Doroni Hilgenberg para A Lenda do Guaraná e de Márcia Fernandes para Mani, a Lenda da Mandioca.

Em ambos os contos a presença das divindades auxiliando na vida dos índios é evidente, sendo assim, o leitor entra em contato com uma cultura politeísta que busca compreender a natureza através dessas entidades mágicas. Uma segunda característica dessas histórias é superação não tradicional dos acidentes que ocorrem na vida dos personagens. Em ambas, existe a superação do luto e da dor, através do nascimento das plantas que servem como alimento para os índios.

A LENDA DO GUARANÁ

Conta a lenda que um casal de índios Maués, viviam juntos a muitos anos e ainda não tinham filhos. Um dia, pediram a Tupã para dar-lhes uma criança. Tupã atendeu o desejo do casal e deu-lhes um lindo menino, que cresceu cheio de graça e beleza e se tornou querido de toda a tribo.

No entanto, Jurupari, o Deus da escuridão e do mal, sentia muita inveja do menino e decidiu matá-lo. Certo dia, quando o menino foi coletar frutos na floresta, Jurupari aproveitou para se transformar numa serpente venenosa e matar o menino. Neste momento, fortes trovões ecoaram por toda a aldeia, e relâmpagos luziam no céu em protesto. A mãe, chorando em desespero ao achar seu filho morto, entendeu que os trovões eram uma mensagem de Tupã. Em sua crença, Tupã dizia-lhe que deveria plantar os olhos da criança e que deles nasceria uma nova planta, dando saborosos frutos, que fortaleceria os jovens e revigoraria os velhos.

E os índios plantaram os olhos da criança e regavam todos os dias. Logo mais, nesse lugarzinho onde foi enterrado os olhos do indiozinho, nasceu o Guaraná, cujos frutos, negros como azeviche, envoltos por uma orla branca em sementes rubras, são muito semelhantes aos olhos dos seres humanos.

MANI, A LENDA DA MANDIOCA

Com alegria contagiante, Mani era uma indiazinha muito estimada pela tribo tupi onde vivia. Ela era neta do cacique e a gravidez da sua mãe foi motivo de tristeza para o chefe da tribo. Isso porque ela tinha engravidado e não era casada com um bravo guerreiro, tal como ele desejava. O cacique obrigou a filha a dizer quem era o pai do seu filho, mas a índia dizia que não sabia como tinha ficado grávida. A desonestidade da filha desagradava muito o cacique.

Até que um dia, ele teve um sonho que o aconselhava a acreditar na filha, pois ela dizia a verdade ao pai. Desde então, aceitou a gravidez e ficou muito contente com a chegada da sua neta.

Um dia, pela manhã, Mani foi encontrada morta por sua mãe. Ela simplesmente tinha morrido durante o sono e, mesmo sem vida, apresentava um semblante sorridente. Triste com a perda, sua mãe enterrou Mani dentro da sua oca e suas lágrimas umedeciam a terra tal como se estivesse sendo regada.

Dias depois, nesse mesmo local nasceu uma planta, diferente de todas as que conhecia, a qual ela passou a cuidar. Percebendo que a terra estava ficando rachada, cavou na esperança de que pudesse desenterrar sua filha com vida.

No entanto, encontrou uma raiz, a mandioca, que recebeu esse nome em decorrência da junção do nome de Mani e da palavra oca.

2.3 Contos de origem europeia

Os contos de origem Europeia selecionados para o livro ilustrado, como citados anteriormente, são “A Roupas do Rei” e “Rei Midas”. O primeiro, é a versão íntegra de Câmara Cascudo (2004), presente no livro “Contos Tradicionais do Brasil”, no qual o autor, após vasta pesquisa, reúne contos populares e suas versões brasileiras. No caso do conto “Rei Midas”, trata-se de um mito da Antiguidade Clássica, conhecido tanto por gregos quanto por romanos. Existem diversas versões para o mito, inclusive a nomenclatura dos Deuses muda de acordo com a origem considerada, pois na versão grega o deus do vinho é Dionísio, enquanto na versão romana é Baco. Contudo, a essência da história é a mesma e suas variações não a descaracterizam. Para o livro ilustrado selecionei a versão de Tales Pinto [s.d.], disponível na internet.

Os dois contos tratam de reis que por serem presunçosos acabam tendo um destino ruim e vergonhoso. Em ambos os contos somos apresentados a figuras de reis, que detêm muito poder e ambição. Em A Roupas do Rei o final da história é o constrangimento pelo qual o rei passa ao sair pelo reino vestindo trajes de baixo, acreditando que sua inteligência era superior à de seus súditos, quando na verdade fora facilmente enganado. E no conto Rei Midas, o personagem se encontra em uma situação triste e complicada ao receber o poder de transformar tudo o que tocava em ouro, e acabar sozinho, com o sentimento de que sua dádiva se tornara uma maldição.

Com esses contos é possível trabalhar questões de respeito ao próximo, de preconceitos socioculturais, de maneira lúdica e direta.

Nestes contos europeus percebemos o forte caráter moral. Neles o leitor encontrará um aprendizado referente às atitudes ruins das personagens e como devemos respeitar o próximo, independentemente da posição social, da cor, do gênero, enfim, da aparência.

REI MIDAS

Midas era rei da Frígia e filho do camponês Górdio. A sua realeza foi herdada do pai, após este ter sido escolhido pelo povo do local, que entendia a chegada de Górdio como o cumprimento de uma profecia de um oráculo. A profecia dizia que o rei da Frígia chegaria em uma carroça e, enquanto a população estava discutindo sobre este destino, chegou Górdio com a mulher e o filho em uma carroça. Após sua morte, Midas tornou-se o rei.

Certo dia, Midas recebeu a visita de alguns camponeses que levaram a ele um velho, bêbado e perdido, que haviam encontrado em um dos caminhos do reino. Midas reconheceu o velho: era Sileno, mestre e pai de criação de Baco. Midas cuidou de Sileno e o levou a Baco. O deus da vinha e do vinho, muito benevolente, concedeu um pedido a Midas. Este, sem refletir muito, pediu o dom de transformar em ouro tudo o que por ele fosse tocado. Mesmo percebendo a ânsia gananciosa de Midas, Baco realizou o pedido.

O rei Midas voltou para casa feliz e também surpreso com a capacidade por ele adquirida. Transformou várias coisas em ouro pelo caminho: pedras, folhagens, frutos... ao chegar à sua casa, ordenou aos criados que servissem a ele um banquete. Ao tocar no pão, este foi transformado em ouro. Ao pegar a taça de vinho e tocar com seus lábios na bebida, esta se transformou em ouro líquido. Midas ficou desesperado ao perceber que jamais

poderia se alimentar novamente. Sua filha, Phoebe, vendo seu desespero tentou socorrê-lo e, ao tocá-lo, transformou-se em uma estátua de ouro.

Mais desesperado ainda Midas orou a Baco, pedindo que este o livrasse daquilo que, na verdade, era uma maldição. Baco consentiu e disse a Midas que deveria se banhar na fonte do rio Pactolo para que pudesse se lavar do castigo. Ao se lavar, Midas passou às águas do rio o poder de tudo transformar em ouro, sendo que a areia do Pactolo se tornou dourada.

Arrependido de sua ganância, Midas voltou aos campos, passando a morar longe das cidades.

A ROUPA DO REI

Era uma vez um rei tão vaidoso de sua pessoa que só faltava pisar por cima do povo. De uma feita procuraram-no uns homens que eram tecelões maravilhosos e que faziam uma roupa encantada, a mais bonita e rara deste mundo, tendo o condão de só poder ser enxergada por quem fosse filho legítimo.

O rei achou muita graça na proposta e encomendou o traje, dando muito dinheiro para sua fatura. Os homens trabalhavam dia e noite num tear vazio, cosendo com linha invisível, um pano que ninguém via. O rei mandava sempre ministros visitarem a oficina e eles voltavam deslumbrados, elogiando a roupa e a perícia dos alfaiates. Finalmente, depois de muito dinheiro gasto, o rei recebeu a tal roupa e marcou uma festa pública para ter o gosto de mostrá-la ao povo.

Os alfaiates compareceram ao palácio, vestindo o rei de camisas e ceroulas, e cobriram-no com as peças de tal traje encantado, ricamente bordado, mas invisível aos filhos bastardos.

O povo esperou lá fora pela presença do rei e, quando este apareceu, deram muitas palmas. Os alfaiates desapareceram. O rei seguiu com o cortejo, mas, atravessando uma das ruas pobres da cidade, um menino gritou:

-O Rei está de camisa!

Toda a gente reparou e viu que realmente o rei estava apenas de camisa e ceroulas. Rebentou uma vaia estrondosa e o rei chegou ao palácio corrido de vergonha. Corrigiu-se do seu orgulho e foi daí em diante um rei cordato e simples

3 O LIVRO ILUSTRADO: CONTOS DE IBERE

Contos de Iberê⁴ significa contos de origem, ou seja, contos de povos que deram origem à nação brasileira. Desta forma o livro Ilustrado será dividido em três partes, sendo cada parte destinada à uma origem dos contos, sendo a primeira parte destinada aos contos indígenas A Lenda do Guaraná e Mani, a Lenda da Mandioca, respectivamente; em seguida, a segunda parte apresentará os contos de origem africana Oxumaré Desenha Arco-Íris no Céu para Estancar a Chuva e Os Ibejis Enganam a Morte, respectivamente; e por último a terceira parte apresentará os contos de origem europeia A Roupas do Rei e Rei Midas, respectivamente.

Para cada conto serão produzidas quatro ilustrações coloridas, desenvolvidas com técnica mista de aquarela e lápis de cor, e ainda, obedecendo à uma paleta de cor que identificará cada parte do livro. Sendo assim, a primeira parte terá uma paleta de cores quentes e terrosas, a segunda parte uma paleta de amarelos e verdes e a terceira parte, uma paleta de azuis e lilases, predominantemente. Ao todo serão quatro ilustrações para cada conto, somando-se um total de vinte e quatro ilustrações.

A capa e contracapa serão coloridas, assim como a guarda e o miolo. O papel utilizado na capa será cartão 250g/m² e para o miolo será couché fosco 120g/m². A Tipologia será Garamond, e o formato do livro será 20 x 20 cm.

Por se tratar de um produto educacional impresso, e ainda ter uma produção sem investimento financeiro externo privado ou público, estima-se que a distribuição dos livros fique a cargo da 9ª CRE. Em relação à tiragem, estima-se oferecer, em média, duas cópias do livro impresso para cada escola da 9ª CRE da rede municipal de educação da cidade do Rio de Janeiro, que conta hoje com 106 escolas⁵ de Ensino Fundamental. O orçamento previsto para

⁴ Existe uma diferenciação na grafia da palavra e seu significado, contudo, para Iberê encontram-se como sinônimos as palavras origem, início e princípio. Fonte: GOMES, Regina Augustta de (Org.). **Palavras em Yorubá com tradução para o português.** [s.d.]. Disponível em: <http://vidademacumbeiro.blogspot.com/2008/11/dicionrio-yoruba-portugues-5a-ed.html>. Acesso em: 24/mar/2019.

⁵ Disponível em: <http://webapp.sme.rio.rj.gov.br/jcartela/publico/pesquisa.do?cmd=listarEscolasDaCre&idSetor=1610>. Acesso em: 19/mar/2019.

a impressão de uma tiragem de 250 livros é de R\$ 2.000,00 (dois mil reais)⁶. E a produção e diagramação do livro serão feitas gratuitamente.

3.1 Ilustrações

3.1.1 1ª Parte: Contos Indígenas

As ilustrações do miolo serão desenvolvidas a partir de uma linguagem visual diferente para cada parte do livro. Sendo assim, as ilustrações dos contos A Lenda do Guaraná e Mani, a Lenda da Mandioca, presentes na primeira parte tem como principal referência visual os ilustradores brasileiros Cris Eich⁷ e Adilson Farias⁸, tanto para composição visual das páginas, quanto para composição cromática e tonal, para criar uma identidade visual cromática harmônica entre os dois contos.

A partir das imagens citadas (figuras 1, 2, 3 e 4, p.44-45), é possível observar a predominância de amarelos e verdes na composição. Essa atmosfera combina e reafirma o caráter de floresta amazônica presente nos contos indígenas. Além disso, a maneira como Cris Eich representa graficamente tanto as folhagens quanto os animais, ajuda a caracterizar o contexto do qual as histórias se ambientam.

⁶ Orçamento simples, realizado on line. Disponível em: <https://www.printi.com.br/configuracao-livro>. Acesso em: 19/mar/2019.

⁷ Portfólios on line: Gota D'água no Papel, disponível em: <http://gotadaguanopapel.blogspot.com/>. Acesso em: 20/mar/2019. E Behance, disponível em: <https://www.behance.net/criscrisei6309>. Acesso em: 20/mar/2019.

⁸ Portfólios on line disponível em: <http://ailustra.blogspot.com>. Acesso em: 20/mar/2019. E Behance, disponível em: <https://www.behance.net/adilsonfarias>. Acesso em: 20/mar/2019.

Figura 1 - Aquarela. Referência de composição cromática.



Fonte: FARIAS, Adilson. Estudo em aquarela. 2000. Disponível em:
<http://ilustra.blogspot.com/search?updated-max=2009-10-24T15:48:00-07:00&max-results=15&start=61&by-date=false>. Acesso em: 20/mar/2019.

Figuras 2, 3 e 4 - De cima para baixo, respectivamente, referências de ilustrações selecionadas como referências visuais de Cris Eich.



3.1.2 2ª Parte: Contos Africanos

Em relação às ilustrações da segunda parte do livro, que tratam dos contos africanos Oxumaré Desenha Arco-Íris no Céu para Estancar a Chuva e Os Ibejis Enganam a Morte, recorro também à ilustradora Cris Eich, ao ilustrador André Rocca e ao artista plástico Carybé.

Para trabalhar a composição visual e cromática das páginas, utilizando uma paleta de cores quentes, com predominância dos tons laranjas e terrosos, busquei referência nas ilustrações de Cris Eich e André Rocca, como podemos observar nas figuras 5, 6, 7 e 8 (p.46-48). Além disso, também utilizei como referência direta a imagem da figura 6 (p.47), de Cris Eich.

Além dessas referências imagéticas, também busquei como referência específica para desenvolver o personagem do Orixá Oxumaré o trabalho de aquarelas do artista plástico Caribé⁹, que conta com estudos de indumentária como observamos na figura 9 (p.48).

Figuras 5, 6 e 7 - Aquarelas. Imagens de referência visual para os contos africanos da ilustradora Cris Eich.



⁹ Hector Julio Páride Bernabó, Carybé (1911-1997). Carybé trabalhou como pintor, gravador, desenhista, ilustrador, mosaicista, ceramista, entalhador e muralista.



Fonte: EICH, Cris. "AMAR - Projeto sobre diversidade sexual". 2018. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/62875809/AMAR-Projeto-sobre-diversidade-sexual>. Acesso em: 20/mar/2019.

Figura 8 - Arte digital. Referência de composição cromática do ilustrador André Rocca.



Fonte: ROCCA, André. AMMA. [S.d.]. Disponível em: <https://www.roccailustra.com.br/book-amma>. Acesso em: 20/mar/2019

Figura 9 - Aquarela. Oxumaré, ilustração de Carybé.



Fonte: Carybé. Os Deuses Africanos no Candomblé da Bahia. [S.d.]. Disponível em: <http://www.ijexa.com.br/index2.php?page=oxumare>. Acesso em: 20/mar/2019.

3.1.3 3ª Parte: Contos Europeus

Os contos A Roupas do Rei e Rei Midas tem como identidade cromática tons de azul e violeta, afim de distingui-los dos demais contos e de criar uma caracterização relacionada aos contos de fada. Para a criação das ilustrações de cada conto, os ilustradores utilizados como referência foram: Felicita Sala¹⁰ e Adilson Farias (Figuras 10,11,12, e 13, p. 49-51). Felicita Sala trabalha com ilustrações com caráter linear, o desenho é mais expressivo. Neste sentido, Adilson Farias complementa esse aspecto, como podemos observar na figura 13 (p.51), na qual os elementos gráficos são mais expressivos. Busquei como referência cromática ilustrações de Jérémie Almanza¹¹ (Figuras 14 e 15, p. 51), nas quais observamos o uso dos violetas que atribuem às imagens um caráter quase mágico.

Figuras 10, 11 e 12 - Ilustrações de Felicita Sala.



¹⁰ SALA, Felicita. Portfólio on line disponível em: <http://felicitasala.blogspot.com/>. Acesso em: 20/mar/2019.

¹¹ ALMANZA, Jérémie. Portfólio on line disponível em: <http://fak.ultra-book.com/accueil>. Acesso: 20/mar/2019.



Figura 13 - Ilustração imitando técnica de xilogravura utilizada em cordel, de Adilson Farias.



Fonte: FARIAS, Adilson. Cordel. 2014. Disponível em: <http://ailustra.blogspot.com/search?updated-max=2014-08-04T22:12:00-07:00&max-results=15>. Acesso em: 20/mar/2019.

Figuras 14 e 15 - Referências cromáticas. Ilustrações de Jérémie Almanza.



Fonte: ALMANZA, Jérémie. Couer de Pierre. [s.d.]. Figura 14 disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/309763280612247894/>. Acesso em: 20/mar/2019. E figura 15 disponível em: <https://www.pinterest.ch/pin/47780446026693641/?lp=true>. Acesso em: 20/mar/2019.

4 UTILIZAÇÃO

Por se tratar de um livro ilustrado, consideramos que existem diversas possibilidades de utilização do mesmo. Contudo, este livro conta com uma sequência didática que ficará disponível, de maneira gratuita, on line, podendo ser acessada através de um QR Code¹².

Este livro apresentará imagens de caráter artístico e é destinado principalmente (mas não somente) às aulas de Artes Visuais. Para isto desenvolvi uma sequência didática que conta com planejamento de quatro aulas de 50 min, que apresentará algumas formas de utilizar o livro ilustrado nas aulas de artes.

Esta sequência didática é destinada a Arte-educadores e professores em geral, que desejem abordar o livro a partir de uma perspectiva artística. Este material será disponibilizado apenas on line, de maneira gratuita, podendo ser acessado através do QR code que estará impresso nos livros.

Contos de Iberê é um livro ilustrado desenvolvido para apreciação estética das imagens. A sequência didática proposta contempla a leitura de imagem, a observação ativa e produção artística a ser desenvolvida a partir do contato da criança com o livro.

Figura 16 - QR Code para acessar a sequência didática



¹² O QR Code é basicamente um novo código de barras em 2D (o antigo código trabalha com apenas uma dimensão, a horizontal, e o QR Code utiliza códigos com informações tanto no plano horizontal como na vertical). Esse código, após a decodificação, passa a ser um trecho de texto, um link e/ou um link que irá redirecionar o acesso ao conteúdo publicado em algum site. Para que o código possa ser escaneado, é preciso contar com um aparelho celular que possua câmera digital e um software de leitura para QR Code. (Fonte: PRASS, Ronaldo. **Entenda o que são os 'QR Codes', códigos lidos pelos celulares**. G1-Tecnologia e Games: 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2011/05/entenda-o-que-sao-os-qr-codes-codigos-lidos-pelos-celulares.html>. Acesso em: 21/mar/2019)

5 SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Além do livro, também desenvolvi uma sequência didática que será disponibilizada online pelo QRCode (figura 16, p. 53), afim de servir de auxílio para arte-educadores trabalharem como o livro em suas aulas. O planejamento contempla duas aulas, sendo a primeira com duração de 1hora/aula e a segunda com duração de 2h/a, podendo ser estendidas de acordo com a necessidade do professor.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA
<p>AULA 1</p> <p>Série: (do 1º ao 3º Ano do Ensino fundamental)</p> <p>Duração da aula: (1 h/a)</p> <p>Tema: Leitura e apreciação do livro ilustrado Contos de Ibero</p> <p>PLANO DE AULA</p> <p>Objetivo geral</p> <p>Ler com a turma o conto Oxumaré Desenha Arco-Íris no Céu para Estancar a Chuva, presente na segunda parte do livro.</p> <p>Objetivos específicos</p> <p>Estabelecer contato com contação de histórias;</p> <p>Estimular a curiosidade dos alunos acerca da história contada;</p> <p>Exercitar a argumentação;</p> <p>Observar imagens ilustradas.</p> <p>Conteúdos</p> <p>Contação de história;</p> <p>Leitura e apreciação de imagem.</p> <p>Metodologia:</p> <p>a) Incentivação</p> <p>Em um primeiro momento o professor apresentará para a turma o livro Contos de Ibero. Desta forma, o professor deverá buscar criar uma primeira discussão a respeito dos aspectos imagéticos do livro e das expectativas das crianças sobre as histórias, fazendo perguntas</p>

como:

- O que significa Iberê?
- Que tipo de contos o livro deve ter?
- Sobre o texto selecionado, sobre o que o conto deve ser?
- Sobre as imagens do conto, elas ajudam a contar a história?
- Quem sabe quem é Oxumaré?
- Esse conto fala sobre uma história real ou é um mito?

b) Formação de hábitos e atitudes

A aula visa despertar nos alunos a curiosidade a respeito do conteúdo do livro, dos contos que nele estão contidos e ainda, espera-se fomentar uma discussão a respeito do conto escolhido, Oxumaré Desenha Arco-Íris no Céu para Estancar a Chuva, e compreender o mito como uma manifestação cultural.

c) Desenvolvimento

O professor deverá iniciar a aula apresentando o livro. Deverá pedir que todos façam uma roda, podendo ser com cadeiras, ou com as crianças sentadas no chão, ou dispostas da maneira que for mais confortável para o professor trabalhar.

Em seguida, o professor deverá perguntar à turma sobre o que é o título do livro, e em seguida, explicar que significa Contos de Origem. Em seguida, indagar do porquê desse nome.

Em um segundo momento, apresentar o título do conto a ser trabalhado, e questionar a turma sobre o seu conteúdo, lembrando sempre de acolher respostas que possam ter relação com a pergunta.

Deve-se então, iniciar a contação da história, permitindo que ao longo da atividade, a turma possa desfrutar e observar as imagens ilustradas. Ao término da história o professor pode investigar se a turma gostou do conto, se entenderam ou não, e quais as opiniões sobre a história lida. A partir desta abertura, buscar saber se algum aluno conhece o orixá Oxumaré, se não, buscar explicar resumidamente sobre o mito. Questionar a turma sobre as ilustrações, se a turma gostou ou não, e por que.

Recursos materiais

Livro Ilustrado

Avaliação

A avaliação fica a cargo do professor, que pode considerar como tópicos a serem avaliados a participação em sala de aula, o interesse e atenção durante a contação de história.

Bibliografia

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

AULA 2

Série: (do 1º ao 3º Ano do Ensino fundamental)

Duração da aula: (2 h/a)

Tema: Atividade de criação

PLANO DE AULA

Objetivo geral

Criar e contar uma história, utilizando como referência o conto Oxumaré Desenha Arco-Íris no Céu para Estancar a Chuva

Objetivos específicos

Estabelecer contato com contação de histórias;

Estimular a criatividade dos alunos acerca da contação de histórias;

Exercitar a argumentação;

Exercitar a criação de histórias;

Desenvolver habilidade de trabalhar em grupo;

Exercitar a criatividade através do desenho;

Observar imagens ilustradas.

Conteúdos

Criação e contação de história;

Desenvolvimento de um conto;

Trabalho em grupo.

Metodologia:

a) Incentivação

Em um primeiro momento o professor lembrará a turma sobre o conto Oxumaré Desenha Arco-Íris no Céu para Estancar a Chuva. Desta forma, deverá buscar relembrar tudo o que foi discutido a respeito dos aspectos imagéticos do livro e do conto lido.

O professor deverá separar as turmas em grupos. Sortear para cada grupo um fenômeno da natureza, como por exemplo, Chuva, Tempestade, Maremoto, Terremoto, Furacão, para que cada grupo desenvolva um conto que deverá ser um mito sobre o surgimento de um fenômeno natural.

b) Formação de hábitos e atitudes

A aula visa despertar nos alunos a curiosidade a respeito do conto Oxumaré Desenha Arco-Íris no Céu para Estancar a Chuva, e compreender o mito como uma manifestação cultural. A partir disso, espera-se que as crianças consigam trabalhar em grupo, através da discussão e da contação de histórias, para criar um mito, um conto.

c) Desenvolvimento

O professor deverá iniciar a aula apresentando lembrando a turma sobre o conto lido.

Em seguida, dividir a turma em grupos e explicar que este trabalho deverá ser feito através da conversa e decisão que cada grupo tomar.

Deverá fazer um sorteio no qual cada grupo ficará responsável por criar um conto que explique um fenômeno natural, podendo ser a chuva, terremoto, eclipse, avalanche, entre outros. E deverá deixar claro que cada grupo pode desenvolver uma ilustração para o conto que desenvolverem.

Por fim, cada grupo irá apresentar seu conto para a turma toda, junto com sua ilustração.

Recursos materiais

Folha branca, lápis, borracha, lápis de cor, capetinha hidro cor colorida.

Avaliação

A avaliação fica a cargo do professor, que pode considerar como tópicos a serem avaliados a participação em sala de aula, o interesse e atenção durante a contação de história, a dinâmica em grupo.

Bibliografia

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da utilização do livro ilustrado “Contos de Ibeře” em sala de aula, espera-se que os contos possibilitem a realização de leitura de imagens em atividades mediadas pelo professor. Os contos presentes no livro tratam de questões importantes para serem abordadas mesmo em turmas em fase de alfabetização. Abrir possibilidades de compreensão do mundo e despertar a curiosidade do pequeno leitor são objetivos práticos e possíveis para serem alcançados.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2008 (Série: Pensamento e Ação no Magistério).

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

CASCUDO, Francisco. In: A Roupas do Rei. CASCUDO, Luís da Câmara (org.). **Contos Tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2004. P.224-225.

LINDEN, Sophie van der; **Para Ler o Livro Ilustrado**. São Paulo: Cosac Naifa, 2011.

MOTTA, Carlos Eduardo Varella Pinheiro. **Conto**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/redacao/conto/> (acesso em 26 de fevereiro de 2019).

PINTO, Tales. Mito do Rei Midas. [s.d.]. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/grega/mito-do-rei-midas.htm>. Acesso em 19/mar/2019.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.